

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

A IDENTIDADE, CULTURA E TRADIÇÕES DO POVO KARAJÁ (HAWALORA)

*The identity, culture and traditions of the Karajá
people (Hawalora)*

*La identidad, cultura y tradiciones del pueblo Karajá
(Hawalora)*

Uziel Lahiri Karajá

Licenciado em Ciências da Linguagem Intercultural
Professor da Escola Estadual Indígena Ensino Básico
Hawalora- Santa Terezinha

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2422-2518>

E-mail: uzielkaraja@gmail.com

Eunice Dias de Paula

Professora do Programa de Pós Graduação em
Educação Intercultural Indígena da Universidade do
Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1782-5570>

E-mail: xeretyma@uol.com.br

Como citar este artigo:

KARAJÁ, Uziel Lahiri; PAULA, Eunice Dias de. A
identidade, cultura e tradições do povo Karajá
(Hawalora). **Revista de Comunicação Científica –
RCC**, maio/agos., vol. 6, n. 19, p. 03-14, 2025.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume 6, número 19 (2025)

ISSN 2525-670X

A IDENTIDADE, A CULTURA E AS TRADIÇÕES DO POVO INY KARAJÁ

The identity, culture and traditions of the Karajá people (Hawalora)

La identidad, cultura y tradiciones del pueblo Karajá (Hawalora)

Resumo

Este artigo traz o relato de uma experiência pedagógica desenvolvida na Escola Estadual Indígena Hawalora com o tema A identidade, a cultura e as tradições do Povo Iny Karajá. O objetivo geral deste trabalho foi valorizar a língua e os saberes Iny diante da pressão da língua portuguesa e os específicos foram: recuperar palavras da língua Iny e produzir material didático na língua materna para uso na escola. A justificativa para a realização desta experiência deve-se à preocupação com a entrada de novas tecnologias que estão deslocando o uso da língua Iny pelas crianças e jovens.

Palavras-chave: Povo Iny Karajá. Línguas indígenas. Saberes tradicionais.

Abstract

I work as a teacher at the Hawalora Indigenous State School, actively contributing to the educational development of indigenous students in an intercultural context. I teach the subject of mother tongue in elementary school, adapting teaching methodologies to the sociocultural realities of the community. I participated in pedagogical projects aimed at valuing languages, culture and traditional knowledge, promoting a respectful and inclusive learning environment. This experience broadened my understanding of indigenous education and strengthened my commitment to pedagogical practices that are sensitive to cultural diversity.

Keywords: Iny Karajá people. Indigenous languages. Traditional knowledge.

Resumen

Trabajo como docente en la Escuela Estatal Indígena Hawalora, contribuyendo activamente al desarrollo educativo de los estudiantes indígenas en un contexto intercultural. Enseño el tema de la lengua materna en la escuela primaria, adaptando las metodologías de enseñanza a las realidades socioculturales de la comunidad. Participé en proyectos pedagógicos destinados a valorar las lenguas, la cultura y los conocimientos tradicionales, promoviendo un entorno de aprendizaje respetuoso e inclusivo. Esta experiencia amplió mi comprensión de la educación indígena y fortaleció mi compromiso con las prácticas pedagógicas sensibles a la diversidad cultural.

Palabras clave: Pueblo Iny Karajá. Lenguas indígenas. Conocimientos tradicionales.



Introdução

O território Tapirapé-Karajá é uma área indígena localizada no Município de Santa Terezinha, Estado de Mato Grosso, habitada pelos povos Tapirapé (Apyãwa) e Karajá (Iny). A dimensão da área é de 66 mil hectares, área homologada em 24 de março de 1983, onde tem duas aldeias Tapirapé, Majtyritãwa e Xexotãwa e três aldeias Karajá, Hawalora, Itxala e Toriwani Hawa. A população é de, aproximadamente, 800 pessoas. Os dois povos têm a maneira própria de organização social. Neste território encontram-se os rios Araguaia, rio Tapirapé e rio Xavantinho, temos os biomas cerrado e floresta amazônica, que continuam sendo preservados até os dias atuais. O povo Iny sobrevive da pesca, de caça e da roça. As pessoas também usam e tiram a matéria prima para realizar sua festa cultural, como palha de buriti e outros, aproveitam pena das aves para utilização de artesanatos e uso para festa cultural, palhas de coco babaçu e certas madeiras usadas na construção de casas. O povo mantém a própria organização social tradicional no seu território. Também é feita a arrecadação e aluguel do pasto nativo na área indígena.

Figura 01: Mapa da Terra indígena Tapirapé Karajá



Fonte: Google Maps, 2025.

Minha atuação

Atuo como professor na Escola Estadual Indígena Hawalora, contribuindo ativamente para o desenvolvimento educacional de estudantes indígenas em um contexto intercultural. Leciono a disciplina de língua materna no ensino fundamental, adaptando metodologias de ensino às realidades socioculturais da comunidade. Participei de projetos pedagógicos voltados à valorização das línguas, da cultura e dos saberes tradicionais, promovendo um ambiente de aprendizado respeitoso e inclusivo. Essa experiência ampliou minha compreensão sobre educação indígena e fortaleceu meu compromisso com práticas pedagógicas sensíveis à diversidade cultural.

Desde o início de minha atuação como professor na Escola Estadual Indígena Hawalora, em 2019, até o ano de 2025, pude vivenciar uma experiência rica e transformadora, tanto no aspecto profissional quanto pessoal. Trabalhar em uma escola indígena requer um olhar sensível às especificidades culturais, sociais e linguísticas da comunidade atendida, o que me impulsionou a aprimorar constantemente minhas práticas pedagógicas.

Durante esses anos, desenvolvi atividades que respeitam e valorizam a identidade indígena, integrando os saberes tradicionais aos conteúdos curriculares. A aprendizagem transcende o ambiente escolar formal, dialogando com a realidade dos estudantes, suas histórias e seus modos de vida. A convivência diária com a comunidade Hawalora me proporcionou entender a importância de um ensino contextualizado e inclusivo.

Uma das maiores conquistas foi implementar projetos interdisciplinares que envolviam a língua materna, as tradições orais e a cultura local, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos alunos. Além disso, a colaboração com líderes comunitários, pais e outros professores foi fundamental para construir um ambiente educacional acolhedor e participativo.

Enfrentamos desafios, como a dificuldade de acesso a recursos pedagógicos específicos e a necessidade de adequar metodologias para atender às diversidades linguísticas e culturais. No entanto, esses obstáculos foram superados com criatividade, diálogo e respeito mútuo.



A experiência na Escola Estadual Indígena Hawalora reafirmou minha convicção de que a educação é um instrumento potente para a valorização da diversidade e para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Experiência Desenvolvida: valorização da língua materna karajá na Escola Indígena Hawalora

Minha atuação é como docente responsável pelo ensino da língua materna da comunidade indígena Hawalora do povo Iny (Karajá). Procuro contribuir para o fortalecimento da identidade cultural e linguística dos estudantes. Nesse sentido, me dedico à elaboração de materiais didáticos bilíngues e desenvolvimento de atividades pedagógicas contextualizadas, com base nos saberes tradicionais e nas práticas culturais locais. Também participo ativamente na articulação entre a escola e a comunidade para a preservação da língua e transmissão intergeracional do conhecimento. Busco promover uma educação intercultural crítica, respeitando os direitos linguísticos e culturais, pois como está assegurado na Constituição Federal de 1988, nos Artigos 210 e 231:

Artigo 210, § 2º: O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem

Artigo 231: São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Este trabalho foi desenvolvido justamente com a intenção de enfrentar a pressão da língua portuguesa sobre a língua Iny. Na Escola Estadual Indígena Hawalora, localizada na Aldeia Hawalora, no município de Santa Terezinha - MT, desenvolvi com os alunos das séries iniciais uma experiência voltada ao fortalecimento da nossa língua materna Karajá. A proposta surgiu da necessidade de incentivar as crianças a usarem o Karajá com mais frequência, tanto em casa quanto no ambiente escolar, promovendo o orgulho de nossa identidade cultural, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional garante no Artigo 78:



I - Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Devido a uma observação da situação atual que ocorre na comunidade, pois as nossas crianças, adolescentes e até mesmo os adultos, vivendo hoje no meio da pressão psicológica das novas tecnologias, podem estar sendo dominadas ou sendo apagadas as memórias das crianças, da própria língua, da cultura do seu povo e da história, é uma situação grave que requer atenção dos pais e dos professores.

A atividade teve como tema "Nossas Palavras, Nossa Identidade". Iniciamos com rodas de conversa, na qual os alunos foram convidados a trazer palavras em Karajá que ouvem no dia a dia com os pais, avós ou outros membros da comunidade. Coletamos expressões ligadas à natureza, ao corpo humano, aos alimentos tradicionais e às atividades culturais.

Figura 02: Atividade em sala de aula



Fonte: O autor, 2025

Figura 03: Atividade em sala de aula



Fonte: O autor, 2025.

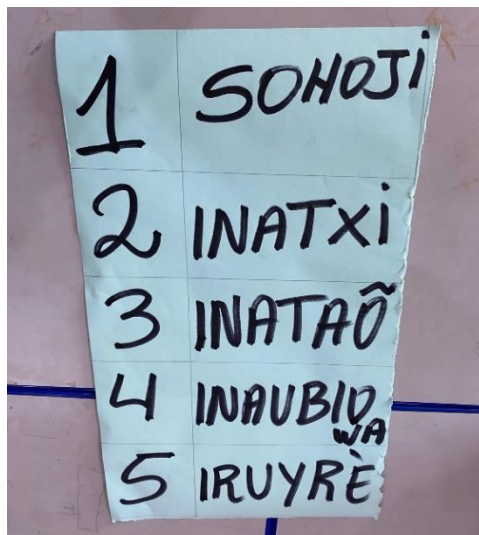
Com base nesse material, elaboramos em sala de aula um **“Dicionário Ilustrado Karajá-Karajá”**, onde cada aluno escolheu palavras para ilustrar e escrever. Trabalhamos também a grafia correta da língua, com o apoio de materiais bilíngues e dos anciãos da aldeia, que foram convidados para orientar a pronúncia e o uso adequado das palavras.

Figura 04: Trabalhos dos alunos/as



Fonte: O autor, 2025

Figura 05: Numeração em Iny Rybé



Fonte: O autor, 2025

Uma das partes mais significativas foi a visita de alguns falantes fluentes e mais velhos da comunidade. Eles compartilharam histórias tradicionais em Karajá, o que despertou muito interesse nos alunos. Gravamos algumas dessas narrativas para que pudessem ser utilizadas em futuras aulas. As crianças se mostraram animadas e orgulhosas por entender partes das histórias e por poder aprender diretamente com os mais velhos.

Ao final do projeto, realizamos uma pequena apresentação para a comunidade: os alunos cantaram uma música em Karajá, apresentaram seus desenhos e explicaram o significado das palavras escolhidas. Os familiares participaram ativamente e se mostraram emocionados ao verem seus filhos valorizando a própria língua e cultura.

Resultados Observados

Para o nosso povo Iny, a língua é fundamental para a manutenção da cultura. A nossa fala do dia a dia acontece sempre em Iny Rybé (língua Iny). As mulheres têm sua própria forma de falar e os homens também. Então, a nossa língua também marca os gêneros masculino e feminino, por exemplo, o homem fala rioko e a mulher fala ritxoko para a boneca feita de barro. Então, quando lemos um texto, sabemos se foi um homem ou uma mulher que escreveu. Essa diferença entre a fala masculina e a

fala feminina é uma marca forte da identidade de nosso povo, como descreve Seki (2000, p. 242):

Outras línguas assinalam a distinção do sexo do falante. Este é o caso do karajá (tronco macro-jê), em que os itens lexicais nas falas das mulheres geralmente incluem segmentos (consoantes, sílabas) que estão ausentes na fala dos homens.

A nossa língua também nos liga aos nossos antepassados, pois, quando ouvimos uma história contada pelos nossos anciãos, nós sabemos que esta história aconteceu no tempo antigo, mas ela chega até nós pela memória oral que a língua mantém, favorecendo, assim, o fortalecimento do vínculo entre as gerações através do ensino oral, como está garantido no Artigo 78 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, lei 9394:

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I – Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências.

Após o trabalho realizado, observamos um aumento do vocabulário em língua Karajá entre os alunos. A escola está contribuindo, assim, para a vitalidade da língua

Neste sentido, percebemos que houve um maior interesse pelo uso da língua materna em casa e na escola. Isso fortalece a língua, proporcionando a sua continuidade através das gerações, conforme afirma Lucy Seki (2000, p. 248), destacando a importância dos processos formativos dos professores indígenas:

Do mesmo modo que nos últimos anos as comunidades vêm crescentemente se mobilizando no que se refere a reivindicações quanto a programas de educação diferenciada e de formação de professores, embora de maneira ainda um tanto tímida, têm reivindicado uma participação efetiva na condução dos processos educacionais, bem como de investigação de suas línguas e culturas.

Essa experiência de trabalho realizada reafirma a importância da escola indígena como espaço de resistência cultural e preservação linguística.

Continuaremos desenvolvendo projetos que envolvam a língua Karajá, garantindo que as futuras gerações cresçam com orgulho de sua história e de sua língua.

Fundamentação Teórica

A prática docente na Escola Estadual Indígena Hawalora, situada em território do povo Tapirapé/Karajá, se insere em um contexto de educação específica e diferenciada, conforme previsto na legislação brasileira e nas diretrizes da educação escolar indígena. Esta experiência está pautada na valorização da interculturalidade, no respeito à língua materna e no diálogo entre os saberes tradicionais Karajá e os conhecimentos da escola ocidental.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996), a educação escolar indígena deve respeitar a diversidade linguística e cultural dos povos originários, assegurando uma formação que contemple as particularidades de cada etnia (Art. 78). No mesmo sentido, a Constituição Federal de 1988 garante aos povos indígenas o direito à sua identidade étnica, suas línguas, tradições e formas próprias de organização social (Art. 231).

O povo Karajá, com forte ligação com o rio Araguaia e com sua cosmovisão própria, possui uma rica tradição oral, conhecimentos sobre a natureza e formas específicas de ensino e aprendizagem transmitidos no seio da comunidade. A atuação docente na escola Hawalora deve, portanto, respeitar e incorporar esses elementos, desenvolvendo uma prática educativa contextualizada, bilíngue e intercultural.

Conforme aponta Freire (1996), ensinar exige respeito à autonomia e à dignidade dos educandos. Essa perspectiva é essencial no trabalho com povos indígenas, pois reconhece o aluno como sujeito histórico-cultural ativo, portador de saberes próprios. O professor, nesse contexto, atua como mediador entre culturas, promovendo uma educação que não nega os conhecimentos ocidentais, mas que os relaciona de forma crítica e respeitosa aos saberes indígenas.

A pedagogia decolonial, proposta por autores como Catherine Walsh (2009) e Santos (2007), também oferecem base teórica importante para compreender o papel do educador em espaços como a escola indígena. Essa abordagem critica a imposição de uma única forma de saber e valoriza as epistemologias do Sul, incluindo os conhecimentos ancestrais dos povos indígenas. Ao considerar a cosmologia Karajá

nas práticas escolares, promove-se a ruptura com a lógica eurocêntrica de ensino, favorecendo a autonomia cultural e intelectual do povo.

Considerações Finais

A experiência vivenciada na escola Hawalora permite perceber, na prática, a necessidade de metodologias diferenciadas, que incluam atividades de campo, uso da língua indígena Karajá, contação de histórias, pintura corporal, cantos tradicionais e outras expressões da cultura. Esses elementos tornam o processo de ensino-aprendizagem mais significativo para os estudantes e contribuem para o fortalecimento da identidade étnica.

Dessa forma, a atuação do professor na Escola Estadual Indígena Hawalora exige sensibilidade, escuta ativa e compromisso com uma educação que valorize o modo de ser e viver do povo Karajá, ao mesmo tempo em que garante o acesso crítico a outros conhecimentos. Essa vivência amplia a concepção de educação, tornando-a um espaço de intercâmbio, respeito e resistência.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 2 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2007.

SEKI, Lucy. Línguas Indígenas do Brasil no limiar do século XXI. In: **Revista Impulse**. no. 27, pp: 233-256.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época. In: WALSH, Catherine; MIGNOLO, Walter. **Interculturalidad**,

descolonización del Estado: y del conocimiento. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009. p. 21-60.

Recebido: 15/07/2025

Aprovado: 25/07/2025

Publicado: 30/08/2025